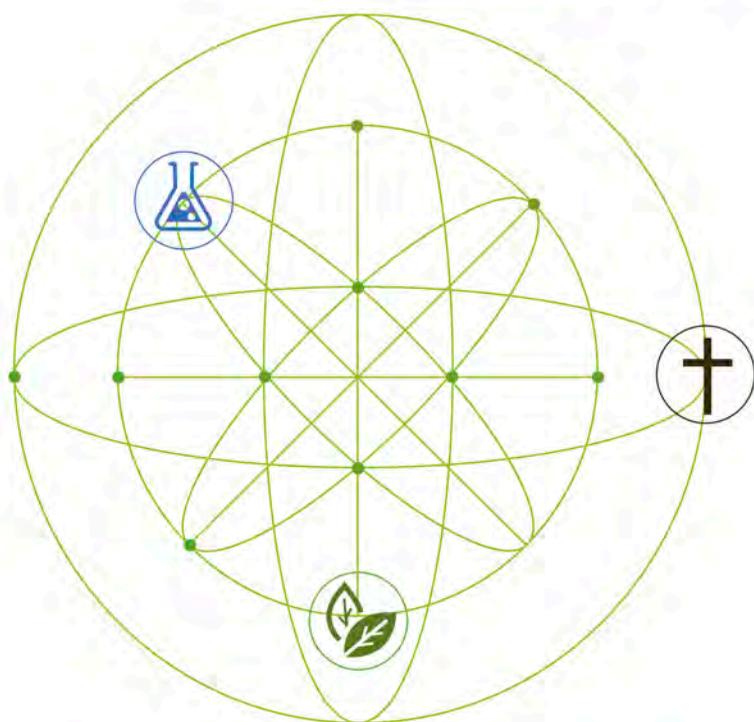


# CIÊNCIA, RELIGIÃO E NATURALISMO

ONDE ESTÁ O CONFLITO?



  
VIDA NOVA

ALVIN PLANTINGA

É surpreendente que exista para muitos cientistas, filósofos e teólogos um grave conflito entre a ciência e a religião teísta. Nesse livro excelente, o filósofo da religião mais respeitado do mundo explica, com a inteligência e a perceptividade que lhe são típicas, por que nem de longe há plausibilidade em nenhuma das principais razões apresentadas para a existência desse conceito.

**Michael Bergmann** (PhD, University of Notre Dame), professor de Filosofia na Purdue University e autor de *Challenges to moral and religious belief e Reason and faith*

Com o brilhantismo que lhe é peculiar, Alvin Plantinga desconstrói o mito de que há conflito entre ciência e religião, demonstrando que o verdadeiro embate se concentra entre a ciência e o naturalismo. Trata-se de uma obra repleta de ideias provocativas, contribuindo de modo significativo para o debate sobre a relação entre fé e ciência. Estou certo de que essa obra será de grande valia aos leitores de língua portuguesa!

**William Lane Craig**, doutor em filosofia e em teologia, professor, pesquisador, conferencista internacional e autor de vários livros, entre eles *Apologética contemporânea, Em guarda, Filosofia e fé cristã e A razão da nossa fé* (Vida Nova)

Depois deste livro, você nunca mais verá a “guerra entre fé e ciência” do mesmo modo. E é com grande alegria que a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência apoia Edições Vida Nova na publicação dessa obra no Brasil!

**Guilherme de Carvalho**, vice-presidente da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e diretor de *L'Abri Fellowship Brasil*

# SUMÁRIO

<i>Apresentação da edição brasileira</i> .....	9
<i>Prefácio</i> .....	11

## PRIMEIRA PARTE: ALEGAÇÕES DE CONFLITO

<b>1. EVOLUÇÃO E CRENÇA CRISTÃ (1)</b> .....	19
I. Preliminares .....	19
II. Dawkins .....	28
<b>2. EVOLUÇÃO E CRENÇA CRISTÃ (2)</b> .....	43
I. O argumento de Dennett .....	44
II. O argumento de Draper .....	58
III. Por que as pessoas duvidam da evolução? .....	60
IV. O “iluminismo particular” de Kitcher .....	62
<b>3. A AÇÃO DIVINA NO MUNDO: AS PERSPECTIVAS ANTIGAS</b> .....	71
I. O problema .....	74
II. Perspectivas antigas .....	79
<b>4. UMA PERSPECTIVA NOVA</b> .....	93
I. A mecânica quântica .....	94
II. Qual é o problema da “intervenção”? .....	98
III. O que é intervenção? .....	107
IV. Intervenção e ação divina no nível quântico .....	110
V. Duas outras alegações de conflito .....	117

## SEGUNDA PARTE:

**CONFLITOS SUPERFICIAIS**

<b>5. A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E O ESTUDO DAS ESCRITURAS</b> .....	123
I. A psicologia evolucionista .....	124
II. A psicologia evolucionista e a religião .....	129
III. Crítica histórico-bíblica .....	142
<b>6. ANULADORES?</b> .....	151
I. Os anuladores e sua natureza .....	152
II. Base evidencial .....	154
III. Naturalismo metodológico .....	155
IV. Será a ciência simoniana um anulador da crença cristã? .....	160
V. Fé e razão .....	163
VI. As crenças religiosas podem ser anuladas? .....	167
VII. O teste da redução .....	170

## TERCEIRA PARTE:

**CONVERGÊNCIAS**

<b>7. AJUSTE FINO</b> .....	177
I. Ajuste fino .....	178
II. Objeções .....	182
<b>8. O DISCURSO DO <i>DESIGN</i></b> .....	203
I. Michael Behe e os argumentos biológicos .....	203
II. <i>Percepção</i> de um <i>design</i> ? .....	213
III. O <i>argumento</i> do <i>design</i> vs. o <i>discurso</i> do <i>design</i> .....	215
IV. Que diferença faz? .....	222
<b>9. CONVERGÊNCIA PROFUNDA: O TEÍSMO CRISTÃO E AS RAÍZES PROFUNDAS DA CIÊNCIA</b> .....	237
I. A ciência e a imagem divina .....	237
II. Confiabilidade e regularidade .....	242
III. A lei .....	245
IV. A Matemática .....	252

V. Indução e aprendizado pela experiência .....	258
VI. A simplicidade e outras virtudes teóricas .....	262
VII. A contingência e a ciência como atividade empírica .....	265

## QUARTA PARTE:

**CONFLITO PROFUNDO**

<b>10. O ARGUMENTO EVOLUCIONISTA CONTRA O NATURALISMO .....</b>	<b>271</b>
I. Concordância superficial .....	271
II. Conflito profundo .....	273
III. O argumento .....	274
IV. Primeira premissa: a dúvida de Darwin .....	279
V. O argumento a favor da premissa (1) .....	286
VI. As demais premissas .....	297
VII. Dois comentários à guisa de conclusão .....	303
<i>Índice remissivo .....</i>	<i>307</i>

# APRESENTAÇÃO

## DA EDIÇÃO BRASILEIRA

O mito do conflito eterno entre fé e ciência continua a ser cultivado por alguns setores da mídia, da academia e até em igrejas, sob a alegação de que os dois empreendimentos seriam intrinsecamente incompatíveis.

Em outro lance genial de sua frutífera carreira filosófica, Alvin Plantinga vira a mesa do debate provando que os conflitos entre cristianismo e ciência são demonstravelmente superficiais, ao passo que, sob o acordo superficial entre o naturalismo metafísico e a ciência, oculta-se um conflito insolúvel. Plantinga mostra a evidência positiva de ajuste fino do Universo e a coerência de pressupostos entre a fé e a ciência, transferindo aos naturalistas o ônus da prova com seu famoso “argumento evolucionário contra o naturalismo”.

Depois deste livro, você nunca mais verá a “guerra entre fé e ciência” do mesmo modo. E é com grande alegria que a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência apoia Edições Vida Nova na publicação dessa obra no Brasil!

DR. ROBERTO COVOLAN,  
físico e professor da Unicamp,  
vice-diretor do Instituto Brasileiro  
de Neurociências e Neurotecnologia (BRAINN)  
e atual presidente da ABC<sup>2</sup>

REV. GUILHERME DE CARVALHO,  
teólogo evangélico e pastor,  
diretor da L'Abri Fellowship Brasil  
e vice-presidente da ABC<sup>2</sup>

## **Associação Brasileira de Cristãos na Ciência**

A Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>) é uma iniciativa da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET), com o apoio da Templeton World Charity Foundation (TWCF), e tem por objetivo promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil.

A missão da ABC<sup>2</sup> é, portanto, operar como uma embaixada entre os universos da fé cristã e da ciência. Nesse papel, ela busca promover o diálogo aberto, honesto e respeitoso entre esses dois universos, levando sempre em conta a liberdade e a soberania das respectivas esferas sociais e as finalidades intrínsecas e próprias de cada esfera, mas buscando — de uma perspectiva cristã — o avanço do conhecimento integral acerca do homem e de sua relação com Deus e a natureza.

Seus interesses são:

- dar testemunho cristão;
- promover a teologia pública, ou seja, a integração entre igreja, academia e sociedade;
- fomentar o ensino e a divulgação científica de forma contextualizada ao Universo da fé.

A ABC<sup>2</sup> não pretende controlar ou interferir nos procedimentos, processos ou instituições internas aos dois campos, nem se arvorar legisladora sobre a natureza da ciência ou da fé. Deseja tão somente auxiliar os cristãos que pertencem aos dois campos para que possam melhor integrar suas vocações científica e espiritual. Portanto, não será seu papel arbitrar sobre pontos controversos na interação entre fé cristã e ciência, mas, sim, oferecer-se como fórum aberto para debates de alto nível, de forma que eventuais discordâncias entre seus associados possam resultar em diálogo produtivo e aprofundamento dos temas em questão.

## PREFÁCIO

A tese geral deste livro é: apesar de haver um conflito superficial, há uma convergência profunda entre a ciência e a religião teísta; e, apesar de haver uma convergência superficial, há um conflito profundo entre a ciência e o naturalismo.

O elemento central das grandes religiões monoteístas — cristianismo, judaísmo, islamismo — é a concepção de que existe a pessoa de Deus: um agente pessoal que criou o mundo e é onipotente, onisciente e perfeitamente bom. Entendo o naturalismo como a concepção de que não existe Deus nem nada que se assemelhe a ele. O naturalismo é mais forte que o ateísmo: pode-se ser ateu sem subir às alturas (descer às profundezas?) do naturalismo, mas é impossível ser naturalista sem ser ateu.

O naturalismo é o que se pode chamar de uma cosmovisão, uma visão totalizante de nós mesmos e do nosso mundo. Não é claramente uma religião: o termo “religião” é vago, e o naturalismo se insere na zona em que sua aplicabilidade é mais vaga ainda. Não obstante, o naturalismo desempenha muitos papéis idênticos aos desempenhados pelas religiões. Em particular, oferece respostas às grandes perguntas do ser humano: Deus existe? Como devemos viver? Podemos ter a esperança de uma vida após a morte? Qual é nosso lugar no Universo? Qual é nossa relação com as outras criaturas? O naturalismo oferece as respostas a seguir: não há Deus e não há sentido em alimentar a esperança de uma vida após a morte. Quanto ao lugar que ocupamos no esquema total, nós, humanos, somos apenas animais como os outros, mas dotados de modos peculiares de ganhar a vida. O naturalismo não é uma religião propriamente dita, mas, visto que desempenha muitos papéis idênticos aos das religiões, podemos chamá-lo de uma quase-religião.

Se, portanto, minha tese estiver correta — se houver uma convergência profunda entre a ciência e a crença cristã ou teísta, e um conflito profundo

entre a ciência e o naturalismo —, haverá decerto um conflito entre a ciência e a religião, ou entre a ciência e a quase-religião, mas esse conflito não ocorrerá entre a ciência e a religião teísta: será entre a ciência e o naturalismo.

Muitos contestariam a minha tese de que não há de fato um conflito entre a religião e a ciência. Com efeito, muitos parecem pensar que o naturalismo ou o ateísmo fazem parte da “cosmovisão científica”. Entre eles, contam-se os “novos ateus”: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris. Eles são os Quatro Cavaleiros — não do Apocalipse nem de Notre Dame, mas do ateísmo — e o objetivo deles é pisotear a religião da forma mais escancarada possível. Suas objeções e acusações são muitas. Em primeiro lugar, atribuem a maioria dos males do mundo à religião: citam as Cruzadas, a caça às bruxas, as guerras religiosas, a intolerância, o terrorismo atual e muito mais. É claro que as religiões do mundo têm muito de que se arrepender; no entanto (como várias vezes se observou), os sofrimentos, as mortes e o caos que podem ser atribuídos às crenças e práticas religiosas são insignificantes quando comparados aos efeitos maléficos das ideologias ateias e seculares do século 20, por exemplo.

Os Quatro Cavaleiros também alegam que a crença religiosa é absurda e irracional. Tão tola quanto acreditar no Monstro de Espaguete, no Super-Homem ou mesmo no Lanterna Verde. Suas reivindicações são altas e estridentes. Não se propõem a combater seus adversários por meio de debates e argumentos racionais, mas do ridículo e do “desprezo puro e simples” (veja a nota 24 do cap. 2). Não está totalmente claro o porquê de terem escolhido esse modo de ação. Uma das possibilidades é que o ateísmo deles nada mais seja que rebelião de adolescência tardia por outros motivos. Outra, compatível com a primeira, é que de fato não conheçam nenhuma boa razão e nenhum bom argumento a favor de seus pontos de vista e, por isso, recorram às mesmas táticas que costumavam adotar na escola primária. Em matéria de competência intelectual, não resta dúvida de que os novos ateus são inferiores aos “velhos ateus”, como Bertrand Russell e John Mackie. São também inferiores a muitos outros ateus contemporâneos, mas menos escandalosos, como Thomas Nagel, Michael Tooley e William Rowe, entre outros. Resta-nos esperar que os novos ateus não sejam senão uma mácula temporária no quadro das discussões sérias sobre esse tema tão crucial.

Seja como for, esses novos ateus concordam com os antigos quando declaram haver um conflito profundo e irreconciliável entre a religião teísta — a crença cristã, por exemplo — e a ciência. E, nesse ponto, juntam-se a um grupo do extremo oposto do espectro: aqueles cristãos para quem a razão e a ciência moderna são inimigas da crença cristã. Ora, se isso fosse verdade, seria uma

verdade tão importante quanto infeliz. A ciência moderna é, sem sombra de dúvida, o fenômeno intelectual mais admirável e marcante dos últimos quinhentos anos. Pense no desenvolvimento da Física desde a época de Isaac Newton até o presente: a força e o brilho intelectuais dessa tradição são surpreendentes. Tal evolução envolve não somente uma grande quantidade de pessoas extremamente talentosas, mas também um exército de mentes brilhantes que não tiveram tanta evidência. Todos procuraram resolver um conjunto de problemas interligados, de modo que as respostas posteriores se construam sobre as anteriores as desenvolvendo. O que a ciência moderna tem de particularmente admirável, pelo menos para um filósofo, é o fato de ser, nesse sentido, um empreendimento cooperativo. É claro que também é, sob outro aspecto, extremamente competitivo. Os cientistas não somente colaboram uns com os outros, mas também edificam, habitualmente, sobre os resultados uns dos outros.

Não admira que esse esplendor intelectual também tenha alguns efeitos colaterais não intencionais e infelizes. Alguns tratam a ciência como se fosse uma espécie de revelação divina, um oráculo infalível — ou, se não infalível, uma vez que muda de direção tantas vezes, pelo menos dotado de uma natureza tal que, no que se refere à consolidação das nossas crenças, a ciência deva ser encarada como um tribunal de última instância. Mas é impossível que as coisas sejam assim. Em primeiro lugar, a ciência não trata em absoluto de alguns tópicos acerca dos quais mais precisamos de esclarecimento: a religião, a política e a moral, por exemplo. Muitos querem orientação dos cientistas sobre assuntos que estão fora do escopo da ciência, assuntos nos quais os cientistas não são especializados. Ao que parece, veem os cientistas como uma nova casta sacerdotal; e os cientistas nem sempre desencorajam essa tendência — o que, aliás, não surpreende. É claro, no entanto, que um cientista pontificando sobre assuntos estranhos à sua área não vale mais que qualquer outra pessoa falando do que não conhece. Em segundo lugar, a ciência contradiz a si mesma, tanto no decorrer do tempo quanto em qualquer momento determinado. A relatividade geral e a mecânica quântica, por exemplo, são duas das teorias científicas contemporâneas mais importantes e abrangentes. Ambas tiveram inúmeras confirmações e são igualmente impressionantes; infelizmente, não podem estar ambas corretas.

Mesmo assim, a ciência moderna é marcante e admirável. Se houvesse conflitos graves entre a religião e a ciência atual, eles seriam extremamente significativos; pelo menos à primeira vista lançariam dúvidas sobre as crenças religiosas incompatíveis com a ciência moderna. Na verdade, como pretendo provar, esse conflito entre a crença cristã e a ciência não existe, ao passo que *existe* um conflito entre a ciência e o naturalismo.

Exponho a seguir meus argumentos. Na primeira parte, “Alegações de conflito”, assinalo algumas áreas em que se supõe haver um conflito entre a ciência e a crença cristã (e teísta). Em primeiro lugar, há a questão da evolução. Em segundo lugar, a tese de que as religiões teístas admitem a existência de milagres e outros tipos de ação divina especial, o que iria contra a ciência. Afirmo e procuro provar que esses conflitos são meramente aparentes. Não há conflito real entre a religião teísta e a teoria científica da evolução. O que há, isso sim, é um conflito entre a religião teísta e uma interpretação ou acréscimo filosófico à doutrina científica da evolução: a tese de que a evolução não foi dirigida, guiada, orquestrada por Deus, ou por quem quer que seja.

Afirmo e procuro provar, em seguida, que não há conflito entre a ciência e a tese de que houve e ainda há milagres — curas milagrosas, por exemplo, ou o grande milagre do cristianismo, qual seja, a ressurreição de Jesus. Afirmo, em particular, que uma ação divina especial, incluindo a que resulta em milagres, não é incompatível com as várias leis da conservação (a conservação da energia, por exemplo), já que essas leis se aplicam a sistemas causalmente fechados a influências causais exteriores. Qualquer sistema em que ocorra um milagre divino, contudo, não seria causalmente fechado e, logo, não seria regido por tais leis.

Na segunda parte, “Conflitos superficiais”, assinalo que há, com efeito, algumas áreas de conflito real entre a ciência e a crença cristã. Certas teorias da psicologia evolucionista e do estudo científico das Escrituras (ou “crítica histórico-bíblica”, como vou chamá-la), por exemplo, são incompatíveis com a crença cristã. Ao contrário das alegações de conflitos da primeira parte, esses conflitos são reais. Embora reais, no entanto, esses conflitos são superficiais, pois não tendem a se constituir anuladores da crença cristã ou teísta. A razão disso, segundo meu argumento, é que a base de evidências da ciência, limitada por seu naturalismo metodológico, é apenas parte da base de evidências do cristianismo. Pode ser que, do ponto de vista dessa base de evidências parcial, certas crenças cristãs sejam improváveis, mas disso não decorre que sejam improváveis do ponto de vista da base de evidências completa a que o cristão tem acesso. Se assim for, essas teorias não constituem, ou, no mínimo, não constituem automaticamente, um anulador das crenças cristãs com as quais estão em conflito. O mais adequado, nesse caso, é entender que tais conflitos são superficiais.

Até aí, portanto, o que se constata é que há um conflito superficial entre a crença cristã e a ciência. Mas também há convergências, como afirmo e procuro provar na terceira parte. Nos capítulos 7 e 8, examino os argumentos teístas do “ajuste fino” e assinalo que eles oferecem provas a favor da crença teísta que não são insignificantes. No capítulo 9, “Convergências profundas”, chamo a

atenção para diversas maneiras pelas quais os modos cristão e teísta de pensar são profundamente receptivos à ciência. Todas essas maneiras giram em torno de um único eixo central: de acordo com a crença cristã, Deus nos criou segundo a sua imagem, que inclui nossa capacidade, semelhante à do próprio Deus, de conhecermos a nós mesmos e a nosso mundo. Nesse sentido, ele criou a nós e ao mundo de maneira tal que há uma compatibilidade entre nossas faculdades cognitivas e o mundo. Para usar a expressão medieval, há uma *adaequatio intellectus ad rem* (adequação do intelecto à realidade).

Na quarta parte, “Conflito profundo”, argumento enfaticamente que o mesmo não vale para a relação entre ciência e naturalismo. Há uma convergência superficial entre ambos que talvez ocorra apenas e tão somente porque tantos pensadores proeminentes se envolvem com o naturalismo como um político com a bandeira de seu país, afirmando que a ciência é um dos pilares que sustentam o templo do naturalismo. Mas essa convergência é somente superficial; o mais exato talvez seja afirmar que não é nem mesmo superficial, mas simplesmente uma alegação.

Por outro lado, há um conflito profundo e sério entre o naturalismo e a ciência. Considerando que o naturalismo inclui o materialismo em tudo o que se refere aos seres humanos, afirmo que, na perspectiva do naturalismo e da evolução, é improvável que nossas faculdades cognitivas sejam confiáveis. É improvável que nos forneçam um grau adequado de preponderância de crenças verdadeiras sobre as falsas. Nesse caso, o naturalista que aceita a teoria contemporânea da evolução se depara com um anulador da proposição de que nossas faculdades são confiáveis. Além disso, ao se deparar com um anulador da proposição de que suas faculdades cognitivas são confiáveis, depara-se também com um anulador de qualquer crença que considere ser produzida por essas faculdades. Mas é claro que todas as suas crenças foram produzidas por suas faculdades — entre elas, naturalmente, suas crenças no naturalismo e na evolução. Ele não pode, portanto, aceitar racionalmente essa crença — a conjunção de naturalismo e evolução. Concluindo, há um conflito grave entre o naturalismo e a evolução: não se pode aceitar racionalmente a ambos. Disso decorre que, como eu já disse, há decerto um conflito entre a ciência e a religião, ou entre a ciência e a quase-religião, mas esse conflito se dá entre a ciência e o naturalismo, não entre a ciência e a crença teísta.

Neste livro há textos de dois tamanhos: o argumento principal é apresentado em letras maiores e os pontos mais especializados e outros acréscimos, em letras menores, sem recuo à direita. O livro não se dirige apenas aos especialistas em Filosofia. Espero que estudantes que tenham cursado apenas uma ou duas matérias de Filosofia, ou mesmo os leigos simplesmente interessados no tema, achem-no inteligível e interessante.

Versões anteriores dos capítulos 3 e 4 foram publicadas sob o título “What is ‘intervention?’” [O que é “intervenção?”]; partes dos capítulos 5 e 6 foram publicadas sob o título “Games scientists play” [Jogos que os cientistas jogam] no livro *The believing primate* [O primata crente].

Este livro se originou de uma série de Palestras Gifford intituladas “Science and religion: conflict or concord?” [Ciência e religião: conflito ou concórdia?], proferidas na Universidade de St. Andrews em 2005. Sou profundamente grato aos organizadores desse evento pelo convite e pela posterior oportunidade de desenvolver estas ideias. Sou grato também ao St. Mary’s College pela maravilhosa hospitalidade; quanto a isso, menciono particularmente Alan Torrance e sua falecida esposa, Jane Torrance, cuja generosidade comigo e com minha esposa foi verdadeiramente notável.

Há muitos outros aos quais sou grato pelos sábios conselhos e preciosos comentários: Mike Bergmann, Robin Collins, Oliver Crisp, Anders Kraal, Trenton Merricks, Brad Monton, Ric Otte, Del Ratzsch, Mike Rea, Elliott Sober, Roger White, Rene van Woudenberg e Xiangdong Xu, por exemplo. Agradeço ainda a um rol circulante de estudantes de pós-graduação que leram, discutiram e criticaram várias partes do manuscrito: menciono, entre eles, Andrew Bailey, Brian Boeninger, Kenny Boyce, Isaac Choi, Marcin Iwanicki, Matthew Lee, Dolores Morris, Timothy Pawl, Anne Peterson, Brian Pitts, Chris Porter, Ksenija Puskaric, Bradley Retter, Josh Rasmussen, Aaron Segal, Amy Seymour e Luke van Horn (peço desculpas àqueles cujos nomes inadvertidamente omiti). Um obrigado especial a Nathan Ballantyne, Kelly Clark, Tom Crisp e Dan Howard-Snyder, que generosamente leram e comentaram o manuscrito em sua íntegra; os comentários de Dan Howard-Snyder quase perfizeram um segundo livro sobre o assunto. Tenho plena ciência de que, com a ajuda de tantas pessoas qualificadas, eu deveria ter escrito algo muito melhor.

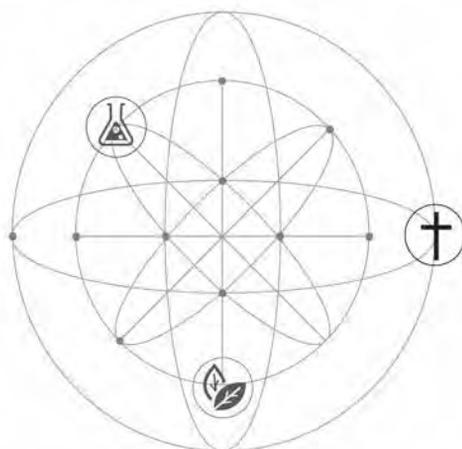
Em 1939, o eminente filósofo britânico Charlie Dunbar comentou que as discussões sobre as relações entre a religião e a ciência haviam “adquirido algo do caráter repulsivo de uma costeleta de cordeiro fria coberta por molho semi-congelado”.<sup>1</sup> Algumas manifestações contemporâneas sobre o tema, como as dos Quatro Cavaleiros citados, talvez não sejam frias e semicongeladas, mas quentes demais e quase carbonizadas. Espero que minha contribuição a esse tema seja não apenas mais criteriosa, mas também mais apetitosa.

---

<sup>1</sup>*Philosophy* (1939), p. 131. Citado em *The Cambridge companion to religion and science*, editado por Peter Harrison (Cambridge University Press, 2010), p. 1.

PRIMEIRA PARTE

# ALEGAÇÕES DE CONFLITO



# EVOLUÇÃO E CRENÇA CRISTÃ (1)

## I. PRELIMINARES

Na primeira parte deste livro, proponho-me a examinar a alegação de que há um conflito entre a religião e a ciência moderna. Tratarei, em particular, da relação entre a crença cristã e a ciência; no entanto, a maioria das alegações de conflito tem relação com o *teísmo*, a crença de que Deus existe, e não com as doutrinas específicas que distinguem a crença cristã de outras religiões teístas, como o islamismo e o judaísmo. Nesse sentido, a maior parte daquilo que afirmo se aplica não somente ao cristianismo mas também às outras religiões teístas. Os capítulos 1 e 2 tratam das tensões entre a crença cristã ou teísta e a teoria da evolução. Os capítulos 3 e 4 examinam a tese de que as ações *especiais* de Deus no mundo (não somente os milagres, mas também outros tipos de ação direta) são incompatíveis com a ciência. Abordam também, com brevidade, duas outras teses: a de que a chamada cosmovisão científica (denominada “cientifilosófica”<sup>1</sup> por Peter Unger) é incompatível com a crença religiosa e a de que a religião e a ciência são incompatíveis porque as atitudes epistêmicas que as caracterizam são incompatíveis.<sup>2</sup>

Se qualquer uma dessas alegações de conflitos fosse genuína, a situação seria grave. Em primeiro lugar, a ciência é universalmente celebrada, com toda justiça, como uma realização intelectual grandiosa — talvez o maior esforço da

---

<sup>1</sup>No original, *scientiphical*, palavra cunhada pelo filósofo Peter Unger e explicada por ele no livro *All the power in the world* (New York: Oxford University Press, 2005) da seguinte maneira: “Será útil dispor de um nome conveniente para designar essa cosmovisão dominante. Introduzindo uma palavra derivada em pé de igualdade de ‘científico’ (*scientific*) e ‘filosófico’ (*philosophical*), vou cunhar a expressão designativa ‘metafísica científilosófica’ (*the scientiphical metaphysic*) e a palavra correlata ‘cientifilosofismo’ (*Scientiphicalism*)”. (N. do T.)

<sup>2</sup>Veja, e.g., Unger, op. cit. e os capítulos 1 e 5 de *Beyond inanity*, no prelo.

humanidade nesse sentido. Sendo assim, qualquer empreendimento humano que entre em um conflito sério com ela deve se explicar de alguma forma. Em segundo, a ciência goza, ou ao menos deveria, gozar de alta consideração pelos cristãos. Uma das teses centrais do pensamento judaico e cristão, e de pelo menos algumas correntes do pensamento islâmico, é a doutrina da *imago Dei*: nós, seres humanos, fomos criados à imagem de Deus. E uma das características centrais *dessa* tese é que somos semelhantes a Deus não somente por sermos pessoas, seres capazes de pensar e sentir, dotados de objetivos e intenções, que formam crenças e agem segundo essas crenças e por aí afora; assemelhamo-nos a Deus, de modo mais particular, por sermos capazes de *conhecer* e *compreender* acerca de nós, do nosso mundo e do próprio Deus. Nessa linha, diz Tomás de Aquino:

Visto que o ser humano é imagem de Deus em virtude de ter uma natureza que inclui um intelecto, ele se assemelha de modo mais perfeito a Deus em razão daquilo em que é mais capaz de imitar a Deus em sua natureza intelectual;

e

Somente nas criaturas racionais encontra-se uma semelhança de Deus que pode ser considerada uma imagem. [...] No que se refere à semelhança da natureza divina, parece que as criaturas racionais realizam uma representação d[esse] tipo, em virtude não somente de imitarem Deus nisto: no fato de que ele é e vive, mas especialmente nisto: no fato de que ele compreende.<sup>3</sup>

É claro que a concepção da *imago Dei* tem sido compreendida de diversas formas. Alguns credos luteranos e reformados (e.g., a Confissão Belga, a Confissão de Westminster e o Catecismo de Heidelberg) parecem negar que nós, seres humanos, ainda manifestamos a imagem de Deus; falam dessa imagem como se fosse constituída por “justiça, conhecimento e santidade” (Catecismo de Heidelberg) e declaram que ela foi perdida (no todo ou em grande parte) na ocasião da Queda. No entanto, é possível que a discordância seja menor do que parece; o desacordo aparente pode ser, sobretudo, de natureza terminológica. Alguns pensadores reformados distinguem entre um conceito amplo de imagem de Deus (semelhante à de Tomás de Aquino, incluindo a personalidade, as faculdades racionais e o conhecimento do bem e do mal) e um estrito (justiça, conhecimento de Deus, santidade). Os que afirmam que a imagem de Deus foi perdida na Queda estão pensando no conceito estrito da imagem e é de presumir que não

---

<sup>3</sup>Tomás de Aquino, *Summa theologiae* Ia, questão 93, artigo 4; *Ibidem* Ia, questão 93, artigo 6 [edição em português: *Suma teológica* (São Paulo: Loyola, 2006), 9 vols.].

A compatibilidade entre ciência e religião talvez seja um dos maiores debates da humanidade. Especialmente nas últimas duas décadas, vários livros foram escritos sobre o assunto, mas quase sem nenhum consenso. Diante desse cenário e a fim de responder à pergunta proposta no título deste livro, Alvin Plantinga analisou temas como evolução, psicologia evolucionista, exegese das Escrituras, estudo científico da religião, além dos argumentos de proeminentes filósofos ateus como Dan Dennett, Richard Dawkins e Philip Kitcher, os quais defendem que a evolução e a crença teísta não podem coexistir.

O resultado é esta contribuição singular e há muito aguardada do principal filósofo contemporâneo da religião. Em *Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?*, Plantinga mostra que o conflito entre ciência e religião teísta é, na verdade, superficial, e que, em nível mais profundo, os dois campos estão em concordância.

Ao afirmar que a ciência pode até mesmo oferecer apoio às doutrinas teístas, Plantinga argumenta que podemos pensar sobre a religião e o conhecimento científico de uma nova maneira: como diferentes formas de discurso que tentam persuadir as pessoas a olhar para as questões de uma perspectiva tal, que possam ver que algo é verdadeiro. Dessa forma, o que existe entre esses dois campos não é um conflito, mas, sim, uma profunda e maciça consonância.

Depois deste livro, você nunca mais verá a “guerra entre fé e ciência” do mesmo modo. E é com grande alegria que a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência apoia Edições Vida Nova na publicação dessa obra no Brasil!

**Guilherme de Carvalho**, vice-presidente da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e diretor de *L'Abri Fellowship Brasil*

APOIO MINISTERIAL:



Cristãos  
na  
Ciência

ISBN: 978-85-275-0819-3



9 788527 508193